



**CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO**

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640  
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja  
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

**TELEFONE:** 0XX21-2220.3548

**PÁGINA NA INTERNET:** <http://www.cerj.org.br>

**EMAIL:** [cerj@cerj.org.br](mailto:cerj@cerj.org.br)

**REUNIÕES SOCIAIS:** quintas-feiras a partir das 20:00 horas



ANO 68 - NÚMERO 614 - Maio de 2007

*Agulha Dibona - França - Ester - leia!*



*Três Picos na Patagônia - Gerardo*

**Leia: Leis dos Esporte de Aventura - André Ilha**  
**Contratação de Guias nos Parques - Cláudio Leuzinger**

## 20 anos da Abertura de Temporada de Montanhismo

Nos famosos anos 80 a Abertura de Temporada de Montanhismo ocorria frequentemente na Serra dos Órgãos, para onde subíamos na sexta-feira à noite nos espalhando pelos abrigos e acampamento do parque para fazer no sábado bem cedinho diversas excursões pela região. À noite sempre rolava muita música e no domingo o tradicional futebol na lama e churrasco no Abrigo 1.

Constatando o potencial das montanhas do Rio decidimos que poderíamos promover este evento também na Urca que é o berço das nossas escaladas. Então, no dia 22/03/1987 aconteceu tímida a Primeira Abertura de Temporada de Montanhismo na Urca. No ano seguinte contactamos os amigos de clubes de montanha de outros estados e a imprensa para divulgação do evento que ocorreu no dia 27/03/1988. Neste dia pude relacionar cento e noventa participantes que animados coloriram as paredes do Babilônia e alteraram a rotina daquela manhã de domingo na Praia Vermelha.

A partir daí a festa passou a fazer parte do calendário dos clubes de montanhismo e de organizações ligadas à nossa atividade. A cada ano a festa foi ficando mais sofisticada contando com muros artificiais de escalada, tendas de fornecedores de equipamentos e roupas próprias para os atletas, som e uma infinidade de pessoas que fez com que se tornasse impossível eu anotar cada nome para o meu registro pessoal.

Este é um momento especial onde temos a oportunidade de rever os amigos, trocar informações, tomar conhecimento das novidades do esporte e poder, num só lugar reunir esta tribo muito especial de “malucos” que felizes sobem pelas paredes.

Norma de Almeida.



O Cerj agradece ao Diogo Scófano e ao Pellegrini pela ajuda com as ferramentas usadas no reflorestamento. O Diogo, com a autorização do Pellegrini, providenciou a colocação dos cabos que estavam soltos e a afiação de todas as enxadas e enxadões, do Cerj e da Femeerj. Valeu, Diogo!

### EXPEDIENTE 2007

#### Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

#### Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

#### Secretário

José de Oliveira Barros

#### Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

#### Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

#### Supervisor Técnico

Rafael Villaça

#### Diretora Social

Paula Garcia (*in memoriam*)

Claudia Frias

#### Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

#### Diretora de Divulgação

Miriam Gerber

Natascha Krepsky

Patricia Rocha

#### Divulgação eletrônica

Mônica Costa

### CONSELHO DELIBERATIVO

#### Presidente

Luiz Antonio Puppim

### CONSELHO FISCAL

#### MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboleti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ  
Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

*Escalar é um esporte de risco.*

e instrutores supostamente qualificados levarão seus clientes a experimentar as mesmas sensações e emoções dos esportes de aventura, só que em uma versão mais diluída, em roteiros pré-estabelecidos de dificuldade moderada e com desfecho positivo quase assegurado.

Algumas leis recém-aprovadas e projetos ainda em tramitação, no entanto, ao darem aos esportes tratamento idêntico ao conferido ao turismo de aventura, acabaram criando, para os primeiros, uma camisa-de-força que descaracteriza a sua própria essência. Daí que a premissa inicial para atuais e futuras regulamentações da prática esportiva em ambientes naturais deva ser que estas devem estar voltadas, exclusivamente, para a sua exploração comercial – em outras palavras, para o turismo de aventura –, deixando que cada esporte amador defina, através de suas entidades representativas – clubes, federações e confederações –, sua própria forma de funcionamento, de acordo com suas peculiaridades, história e tradições.

É natural que atividades novas gerem novas demandas e desafios para o legislador, e os problemas surgidos devem ser entendidos como os inevitáveis tropeços iniciais em uma longa caminhada que apenas se inicia e que deveria estar voltada apenas para as práticas comerciais. Pois, no tocante à prática amadora, fazemos nossas as palavras do deputado Otávio Germano,

relator do Projeto de Lei Federal nº 5609/05, que visava “normatizar a prática de esportes de aventura ou radicais”, no voto que levou ao seu arquivamento definitivo: “*Não cabe ao Estado interferir nessas relações. Se alguém se permite correr determinados riscos inerentes a uma atividade a que voluntariamente se submete, que o faça livremente, no uso da liberdade que lhe é constitucionalmente assegurada. E mais, diante de um Poder Público que já não consegue atender, razoavelmente, a outras imposições mais graves e tipicamente públicas, não se justifica sobrecarregá-lo ainda mais com responsabilidades outras e menores no campo regulatório e fiscalizatório.*”

(\*) Versão reduzida e adaptada do artigo “Leis de Mais, Aventura de Menos”, do mesmo autor, disponibilizado no site Carta Maior em março de 2007.

Para os meses de abril e maio de 2007, o tema escolhido pelo nosso sócio-fotógrafo “SOBRAL PINTO” foi: “VISTAS PANORÂMICAS TOMADAS DOS PRINCIPAIS CUMES DO P.N.S.O”, situado na cidade de Teresópolis (RJ).

## Asfixia legal (\*) André Ilha

O vertiginoso aumento ao longo dos últimos vinte anos do número de pessoas que praticam os chamados “esportes de aventura” e, mais ainda, daquelas que recorrem a profissionais em busca de versões atenuadas dos mesmos, criando um próspero mercado para o chamado “turismo de aventura”, causou um significativo impacto sobre o montanhismo tradicional, tal como este era praticado nos clubes até meados dos anos 80.

Isto aconteceu quando alguns enxergaram a possibilidade de ganhar a vida oferecendo serviços de guias e instrutores de escalada na esteira do emergente “turismo ecológico”, um fato cujo sucesso teria uma profunda influência tanto no número como no próprio perfil dos frequentadores de nossas montanhas. Pois se antes os clubes divulgavam suas atividades com parcimônia, os novos profissionais, na ânsia de ampliar o mercado, passaram a divulgar o esporte de forma bem mais intensa, o que provocou um *boom* do montanhismo, que se deu paralelo à expansão de outros esportes diretamente ligados à natureza e que também oferecem adrenalina garantida aos seus praticantes, tais como o vôo livre e a canoagem.

Toda esta efervescência levou, previsivelmente, a um sensível aumento do número de acidentes, por diversas razões. Primeiro, por mera decorrência estatística, já que mais pessoas praticando uma atividade de risco implicam em uma maior probabilidade da ocorrência de acidentes. Segundo, porque a ampla divulgação destes esportes pelos meios de comunicação levou pessoas despreparadas a praticá-los por conta própria, sem prévio treinamento, receita segura para o surgimento de problemas. Por fim, o desejo de abocanhar uma fatia deste segmento em franca expansão propiciou uma multiplicação de

empresas e operadores autônomos, alguns dos quais sem tradição e experiência na área e que, eventualmente, colocam seus clientes em risco.

A grande repercussão de acidentes deste tipo na mídia levou muitos políticos a se preocupar com a questão e a pensar em regras que minimizassem a possibilidade de sua ocorrência. Entretanto, tal preocupação, legítima e compreensível, tem, por vezes, incorrido em equívocos, alguns dos quais tão sérios que chegam a colocar em xeque a própria existência das atividades que pretendem serem reguladas, como, por exemplo, a contratação compulsória pelo visitante de “monitores” ou “condutores de visitantes” ou a obrigatoriedade de certificações kafkianas para amadores e profissionais.

Muitos destes equívocos foram gerados por desconhecimento dos princípios básicos que regem tais atividades e das motivações de seus praticantes, e o ponto central a ser esclarecido para a classe política e para a opinião pública de uma maneira geral é precisamente a diferença entre “esportes de aventura” e “turismo de aventura”. Esportes de aventura, na adequada definição recentemente aprovada pelo Ministério dos Esportes, compreendem “o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas em interação com a natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado”. A definição prossegue, mas aqui já temos evidenciados os dois elementos básicos motivadores do fascínio que tais esportes exercem sobre seus praticantes: a incerteza e o risco calculado (minimizados por técnicas e equipamentos cada vez mais sofisticados), pois é precisamente aí que reside a aventura que lhes empresta o nome.

Já a prática destes mesmos esportes em condições mais controladas, com risco mínimo e alto grau de previsibilidade de resultados é o terreno do turismo de aventura, atividade *comercial* na qual guias

Data	Atividade	Tipo	Responsável
5.05	Escalavrado - PNSO	Caminhada semi-pesada	Zé
5.05	Torres de Bonsucesso -	Caminhada semi-pesada	André Paz
6.05	Abertura de Temporada	Atividade Social	Cláudia Frias
12.05	Reflorestamento	Atividade Ecológica	Sávio
19.05	Pedra do SINO- PNSO	Caminhada semi-pesada	André Paz
26.05	Garrafão - PNSO	Caminhada pesada com acampamento	Puppin
27.05	Invasão Aderências Viúva Lacerda - Botafogo	Escaladas de 3er e 4to Grau	Carrozzino

\*Se chover, o reflorestamento é transferido para o domingo seguinte.

## Aniversariantes

M A I O			
		14	<b>CARLOS A. CARROZZINO</b>
		16	<b>WALTER VELLOSO</b>
			<b>DIEGO SCOFANO</b>
1	<b>ANTONIO C JATOBÁ</b>	17	<b>JOY ANN SCOTT</b>
	<b>GUSTAVO DE PAULA</b>	21	<b>SOLANGE CONDE</b>
2	<b>ANA CLÁUDIA DINIZ</b>	23	<b>LOURDES FIGUEIREDO</b>
4	<b>ALFREDO NETO</b>	24	<b>LUIZ CARLOS GUEDES</b>
	<b>JORGE F MITRANO</b>	25	<b>MARCUS ROCHA</b>
	<b>JOSÉ C. MUNIZ</b>	30	<b>GUIDO FERRAZ</b>
6	<b>RONALDO PAES</b>		<b>FRANCELE JACOBSEN</b>
9	<b>ENEIDA ARENT</b>		
10	<b>ROGÉRIO THEES</b>		
13	<b>SÁVIO TEIXEIRA</b>		
	<b>Eval Olympio Egito</b>		



## Excursão aos Três Picos - Patagônia

Cheguei na quarta feira em Bariloche e fui convidado por uns amigos para ir ao Lago Chollila encontrar um pessoal que tinha ido escalar o Cerro Três Picos.

Este cume se encontra ao sul do Lago Puelo e do povoado El Bolsón, desde onde pode se ver a simples vista. Tem uma altura de 2.525 m e as torres chamam-se: Tuma, Frey e Meiling. Frey foi presidente do Clube Andino de Bariloche. Os últimos 35 Km do caminho são de cascalho em pleno estepe patagônio.

A gente chegou por volta das 13h. Era minha terceira viagem até esse local (1971 e 1992). Tinha mudado muito, muitos caminhos abertos. Os gringos têm comprado muitas terras por lá e construído caminhos,



invadindo tudo. Para continuar de carro tínhamos que passar um vau e no caso de chuva não ia dar para voltar. Assim, decidimos deixar os carros e começar a caminhar. Almoçamos ao lado do rio Carrileufu. Andamos 6 Km em volta do lago, seguindo o caminho e este termina em árvores de álamos velhos e maçãs.

Na Patagônia, aonde a gente encontramos alamos significa que houve casas. Seguimos o lago e depois de uma hora encontramos o rio El Turco, e tivemos que atravessá-lo porque a trilha estava do outro lado. A água estava gelada e os nossos pés chegavam a doer. O tempo começou a ficar feio e decidimos montar o acampamento desse lado, num bosque aonde tinha um abrigo feito por camponeses. Tinha levado meu saco de

bivaque para dormir no relento. Tomamos chimarrão e preparamos o churrasco, típico da região. Não choveu muito à noite.

No dia seguinte saímos 10 horas. Começamos a subir, encontramos uma moça e perguntamos se estávamos na direção certa. Falou que não. Tivemos que retornar uma boa parte do caminho. Encontramos uma trilha, e depois de três horas de caminhada chegamos no vale do rio El Turco. Já eram 5 da tarde e não tínhamos comido nada.

Encontramos um local que parecia um parque de tão bonito, ao lado do Lago Escondido, e preparamos nosso jantar. A noite foi muito fria. Não conseguimos encontrar os nossos amigos escaladores.

De manhã, o teto das barracas parecia papelão, todo gelado. Uma das

moças ficou gripada e com febre e decidimos retornar, preocupados porque não tínhamos notícias dos colegas. Já tinham passado 5 dias da saída deles.

Voltamos e almoçamos num cais de madeira flutuante. Paramos no Bolson para comer um maravilhoso sorvete.

Chegamos em Bariloche domingo à noite e os escaladores, só segunda de manhã. Eles conseguiram atingir o cume, que somente tinha sido pisado em 1962 por 3 eslovenos. A escalada é uma via de quinto grau com equipamento móvel. Muito emocionante, os segundos em pisar esse cume.

*Gerardo Schultz*

turismo ecológico.

Não há em nenhuma lei a obrigatoriedade de contratação de guias para as visitas aos parques nacionais.

O montanhismo é tratado na Lei sob a expressão "recreação em contato com a natureza e turismo ecológico".

Por que, então, existem facções defendendo a guiação obrigatória?

Para muitos, o fato de existir um guia favorece a conservação ambiental. Para outros, é uma forma de dar emprego e renda às populações nativas. Para terceiros, é uma forma e restringir o acesso aos parques nacionais. Outros, ainda, acham que tal prática evitará acidentes, tornando as visitas seguras.

Para alguns diretores de parques nacionais, é muito mais conveniente estabelecer a obrigatoriedade da contratação de guias porque, em suas opiniões, dessa forma darão mais proteção ao meio ambiente com menos trabalho para a administração da unidade.

Como vemos, a questão é altamente complexa e polêmica, não havendo ainda regras legais claras sobre a matéria a não ser no âmbito de alguns planos de manejo.

Em todo o país discute-se acaloradamente o problema e suas soluções. De minha parte antevendo que dentre as muitas correntes doutrinárias envolvidas, dentre os muitos interesses em jogo e dentre as muitas vertentes políticas e econômicas, ideológicas e doutrinárias, acabará prevalecendo aquela ou aquelas que forem mais ativas, mais engajadas, mais

presentes. Nessa questão estão envolvidos os Ministérios do Turismo e do Meio Ambiente, o IBAMA, muitas universidades e ONGs, a imprensa e outras forças vivas da nação.

É por isso que tenho me mobilizado para tentar mostrar aos montanhistas, e sei que a maior parte deles é muito esclarecida sobre o tema, que os interesses do esporte nas questões que envolvem o acesso e a frequência aos parques nacionais está diretamente ligada ao grau de engajamento, de luta, de mobilização que o esporte consiga ter junto às instâncias decisórias dos Poderes Executivo e Legislativo.

Traz-me, porém, alívio saber que os clubes, federações e a Confederação estão bastante mobilizados, através de seus dirigentes, em defender os interesses do esporte. Parece-me que o ideal é fazer incluir nas normas que regularão o assunto, o reconhecimento dos guias formados nos clubes sob a orientação, normatização e fiscalização das federações, como aptos a guiar excursões nos parques nacionais brasileiros. Dessa forma, o esporte estará fortalecido e resguardado e os clubes continuarão a contribuir para a formação de uma juventude comprometida não só com o próprio bem estar físico e mental, bem como em preservar este Planeta que nos abriga e protege.

*Claudio Leuzinger.*

**Estimados Cerjenses Saudações Fraternas!!!**

Ao ler o Boletim do CERJ deste mês, constatei que no artigo: "Trocando os cabos de aço na Pedra da Gávea" do Roberto Schmidt havia escrito o nome do local de base aos Olhos como Carrasqueira. Fiquei surpreso Quando iniciei minhas aventuras de montanha em 1948, com Rudy e Tony do CEB, o nome usado para essa área parcial da Gávea era de Carrasqueiro e não Carrasqueira. Na ocasião achei estranho tal batismo e fui verificar no Dicionário da Língua Portuguesa de Candido Figueiredo e lá estava: Carrasqueiro,m. O mesmo que carrasco, arbusto. Arbustos baixos e silvestres.\*Bras. Realmente na época havia muitos arbustos que com o tempo e depredação foram rareando nesse local; com uso inadequado e queimadas esporádicas.

Luiz Carlos Guedes



## PARQUES NACIONAIS

### OBRIGATORIEDADE PARA A CONTRATAÇÃO DE GUIAS NOS PARQUES NACIONAIS

A contratação compulsória de guias nas unidades de conservação é assunto polêmico nos dias atuais, cuja opinião das pessoas varia de acordo com o ângulo pelo qual examinam a matéria ou de acordo com seus interesses.

Existem muitas visões e muitas conclusões. Dessa forma, é difícil encontrar um denominador comum, um consenso, pois os interesses e abordagens ideológicas variam enormemente, e, muitas vezes, não há pontos de convergência. Vejamos. Os excursionistas, por razões históricas e doutrinárias abominam a idéia dessa contratação compulsória. Têm razão, porquanto as áreas dos primeiros parques nacionais, como Itatiaia, Serra dos Órgãos e Tijuca, foram desbravadas por eles. Esses parques abrigam a história do esporte e seu relevo constitui-se na própria essência da atividade montanhista. Os primeiros parques foram criados em decorrência direta da prática do montanhismo, tendo como finalidade o turismo e o esporte.

Com o passar dos anos, desenvolveu-se o interesse científico. A biologia ganhou espaço dentre as ciências relevantes do século XX, e as unidades de conservação passaram a ser áreas de trabalho de cientistas que, ainda, naqueles primórdios, conviviam bastante bem com os excursionistas.

A segunda metade do século XX fez nascer com grande ênfase nos seres humanos a noção de preservação da natureza, essencial a habitabilidade do ser humano no planeta.

Surgiram, em decorrência desse fato, os preservacionistas que, em diversos graus de engajamento, passaram a lutar pela preservação ambiental. Esse movimento, se bem que com imensa razão na sua essência, gerou radicalismos de toda a ordem, sendo os parques nacionais alvos de suas investidas, com vistas à máxima exclusão das pessoas de suas áreas.

Interessante notar que os movimentos preservacionistas abrigam em suas hostes visões científicas, religiosas, esotéricas, políticas, artísticas, filosóficas, etc., sendo o comportamento de seus ativistas interessante área de estudo da psicologia.

Nessa altura da história, já tínhamos nas décadas finais do século XX gente com uma enorme gama de pensamentos, opinando e movendo-se na defesa de seus pontos de vista. Os anos oitenta deram início à chamada era verde. Em 31 de agosto de 1981 foi promulgada a Lei nº 6.938, que dispôs sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Eram as questões ambientais elevadas ao patamar de políticas de governo.

Surgiu, então, mais um complicador no problema. O turismo desenvolveu-se como ciência aplicada e no rastro dos esportes de aventura, uma das modalidades de turismo, veio a nascer o ecoturismo. Daí, doutrinadores da nova atividade desenvolveram teses voltadas ao interesse do turismo. Dentre os princípios basilares do ecoturismo surgiu aquele que preconiza que a atividade tem, dentre suas finalidades, gerar emprego e renda para as populações nativas. Tal princípio, na prática, impõe a contratação de pessoas do lugar para as diversas atividades de turismo, dentre elas a guiaagem.

Em 18 de julho de 2000, após longa gestação no Congresso, foi promulgada a Lei nº 9.985, que criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. Este é o instrumento legal que rege todos os aspectos dos parques nacionais.

Interessante notar que dentre os objetivos do SNUC, o inciso VII do art. 4º estabelece a proteção das paisagens naturais e pouco alteradas de notável beleza cênica. O inciso XII do mesmo artigo diz que o Sistema tem como objetivo favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o



## O TEMPO DOS MONTANHISTAS

1959. A praia charmosa do Rio de Janeiro ainda era Copacabana, porquanto Ipanema e Leblon eram orlas cheias de casas com areias quase desertas e a Barra um imenso vazio. Não havia violência e nem bossa nova. No carnaval desfilavam as grandes sociedades, os ranchos, frevos e, também, as escolas de samba. A cidade era quase uma cidade de interior. Foi nesse tempo que eu, em um acampamento improvisado, pois tudo era improvisado naquele tempo, no abrigo três do PNSO encontrei em uma noite gélida de julho o Harald, a Helena e o Guilherme.

Levara a mim e mais alguns colegas, estes já sumidos nos labirintos do tempo, à Pedra do Sino. Nascia, nesse dia, uma paixão profunda, indefinida, marcante, definitiva no tempo e no espaço, pelo CERJ. Um CERJ que estaria presente em minha vida, que me daria razões de viver, esposa, amigos e emoções mais que emocionantes.

Naquele tempo de cordas de sisal alcatroadas, de mochilas e barracas usadas compradas do Exército, de lampiões de querosene e feijoadas enlatadas, eu aprendi a ser um excursionista. Foram incontáveis noites de frio, de fome e algumas diarreias causadas pelas malditas feijoadas. O nó não se desfazia quando a corda estava molhada ao tempo em que nossas vidas eram confiadas aos veneráveis mosquetões Sucupira, fabricados não sei onde, mas adorados por todos nós.

Naqueles velhos tempos, os “alpinistas” não somavam mais que umas poucas

centenas de “malucos” que se embrenhavam por matas nunca dantes atravessadas e subiam encostas impossíveis graças às suas botas cardadas ou suas alparcatas Roda. O tempo do Kichute ainda estava por vir.

Passaram-se os tempos. Hoje, na mesma Praia Vermelha de tantos velhos encontros, diante do olhar compassivo e tolerante do Guia Lopes, vejo uma multidão de montanhistas, dezenas de barracas, pujantes lojas de equipamento de última geração e top line da tecnologia. Milhares de pessoas vivendo a montanha, as caminhadas e escaladas, os acampamentos e o doce delírio das grandes aventuras. É o momento do esporte de aventura. Tão importante para todos, até para a imprensa, que a festa é a da abertura da temporada de montanhismo, um esporte cheio de charme, beleza, moderno, engajado, pleno de realizações, enfim, um esporte atual e feito para o futuro.

Foram-se os tempos passados, vivemos o tempo presente certos de que o amanhã será ainda melhor.

As novas gerações recebem o cetro, digo, o ideal, das velhas gerações, e o passará às outras gerações que virão. Assim, o esporte e o CERJ perpetuar-se-ão por muitas gerações futuras, e outras aberturas de temporada ocorrerão sob o olhar irônico e compreensivo do velho Guia Lopes.

Obrigado CERJ.

Cláudio Leuzinger.





**Aguilha Dibona  
França – La Berarde**

**O ACESSO**

A oportunidade de escalar a Agulha Dibona foi mágica e com certeza foi uma das excursões mais chocantes da minha vida. Situada no maciço dos Ecrins, na França, a Agulha Dibona (3.330 m) pertence ao mesmo cordão de montanhas lendárias como La Meije e o Tête de Rouget. Eu nunca tinha ouvido falar dessas montanhas, e por sorte (ou merectimento) um amigo belga que estava de férias me convocou para a escalada. Quando recebi o convite, aceitei na hora e, apesar de estar em Oslo me divertindo pacas, na semana seguinte eu já estava totalmente agilizada em Grenoble, na França. Seguimos até La Berarde e no mesmo dia alcançamos o Refúgio Agulha Dibona, situado a 2.730 metros, numa cansativa caminhada de três horas e meia. O refúgio me surpreendeu, era enorme, com mais de 40 camas bem arrumadas e janelas enormes de vidro, com um visual totalmente aberto para as montanhas nevadas. Comida pronta, jantar à luz de velas, maravilha!

**A ESCALADA**

Dormimos cedo e acordamos às 4h num frio irrealizável e com aquela força de vontade que vem do âmago só pra escalar a parede. A caminhada a partir do Refúgio foi rapidíssima, em 30 minutos de cascalho já estávamos nos equipando e subindo os primeiros costões, com um visual impressionante de granito branco misturado com gelo. Escalamos a face sul que abriga vias bem tradicionais, conquistadas desde 1937. Escolhemos a clássica das clássicas, que é a Voie Maudier, classificada em 4.5rup E3, 300 m. A melhor definição dessa escalada é o estilo tradicional, uma via basicamente em móvel, com algumas proteções fixas duvidosas. Agarras grandes, uns lances de aderência e muitas, mas muitas fendas. Em alguns trechos é bem fácil se perder. Prosseguimos rapidamente revezando a ponta da corda e quando ultrapassamos o cruz, um entalamento de meio corpo enjoadado, que ficava no 6º esticção, o sentimento de "cume" tomou conta de nós. A partir daí, seguimos mais confiantes, mas a via não deu trégua e no penúltimo esticção eu me perdi, o que resultou em um lance aderente protegido em pilens enferrujados. Às 13h30, chego no cume e solto o mais tradicional de todos os gritos, "ÉOOOO". Com o grito, meu pulmão se esvazia e o ar novo que eu respiro é algo único.

**O RAPEL**

A descida é pela face Norte, não é nem um pouco óbvia, mas são apenas 3 rapéis de 60 m. O restante é feito por uma desescalada fácil e bem exposta. Sem problemas, após 2 horas de caminhada, chegamos no Refúgio e curtimos a sensação maravilhosa de viver um dia nas alturas.

**A DESPEDIDA**

O plano inicial era que eu permaneceria somente 3 dias nas montanhas e retornaria para a Bélgica com meu amigo. Porém, encantada com o lugar, decidi permanecer mais um tempinho. Acabei ficando mais 10 dias sozinha nos Ecrins, o que me possibilitou subir praticamente todos os cumes do maciço. Vivi momentos incríveis, peguei neve, vento, mas com certeza valeu a pena. Cheguei a passar fome e frio nos Ecrins, pois os franceses não são camaradas como nós. Após uma noite de frio que chegou a me preocupar, eu decidi voltar para Paris, e no caminho de volta entendi de uma vez por todas que todas as coisas na vida, por melhores que sejam, têm sempre um começo, meio e fim. Se por um lado tive que ir embora das montanhas, por outro ganhei uma montanha de lembranças. É preciso saber viver!

*Ester Binsztock*

**CBM 2007 CERJ**

"Acabou! Ou será que agora é que vai começar?" Esta foi a primeira frase do relatório que a Norminha fez sobre a última atividade prática do nosso CBM. Pelos depoimentos abaixo a resposta é: agora é que vai começar!!!

Antes de colocar a opinião de alguns alunos do curso, quero agradecer em nome de todos os meus colegas a dedicação, a paciência, a experiência, o carinho, a atenção, enfim, tudo o que vocês (nossos guias, guias de outros clubes e outros montanhistas) fizeram por nós. Muito, muito e muito obrigada!!!

Eu ia começar pelo meu depoimento, mas eu já sou do clube há dois anos. Adoro o CERJ e este sentimento nasceu do convívio das pessoas que o fazem ser o clube que é. Então, me considero suspeita para escrever sobre o que eu já sabia que seria maravilhoso e inesquecível (é claro que algumas coisas eu não tinha previsto, como o "nó que desamarra", o "caroço direcionado", entre tantas outras divertidas vivências que tivemos). Assim, vou deixar meus colegas contarem o que foi para eles fazer o CBM do CERJ.

*Patrícia Rocha*

"Sento-me à frente do computador na tentativa de não perder de dentro de mim o momento mágico que é conviver com os integrantes do nosso já muito querido CERJ. A certeza que fica depois de quase dois meses de curso é que, mesmo para os que não permanecerão no clube (e creio que, felizmente, esses serão poucos), participar do CBM foi uma experiência única. Que possamos permanecer juntos, conquistando as vias da vida", *Mariana Ferraz*

"O CBM foi pra mim um encadeamento de surpresas, e todas boas: primeiro as pessoas, tanto os colegas como os guias, todos me cativaram de alguma forma; depois, a questão pessoal, da superação mental e física a cada atividade na montanha. Enfim, as expectativas foram mais do que superadas. Estou super mega hiper feliz de participar disso tudo. Hoje me sinto parte do CERJ, me sinto em casa", *Gabriela Melo*

"Me considero uma pessoa capaz de vencer os obstáculos da montanha e da vida, mas com a certeza de que isso só é possível ao lado de grandes pessoas, como todos os amigos do CBM e de todos do CERJ. Os meus sinceros agradecimentos, admiração e carinho", *Márcia Aranha*

"Simplesmente fantástico. Agradeço a todos os colegas que participaram e contribuíram para o sucesso deste evento", *Marcelo Rousselet*

"Foi um dos melhores investimentos que já fiz em minha vida", *Karina Mota*  
"Foi uma nova experiência de vida. Adquiri novas e boas amizades", *Wagner Veltri*

"Estou profundamente grata. É o começo de uma caminhada", *Milena Duchisde*

"Simplesmente maravilhoso. O CBM foi para mim apenas o começo de uma vida que estava esperando para nascer", *Michelle Baldini*

